

Esta edição foi possível graças ao apoio de



Editor responsável: Pedro Bernardo

Título original: *16 Ottobre 1943* seguido de *Otto Ebrei*

Tradução, Posfácio e notas © João Tiago Proença, 2025

Revisão: Pedro Bernardo

Paginação: JuSA

Todos os direitos para língua portuguesa reservados para esta edição por E-primatur / Letras Errantes, Lda.

E-Primatur é uma chancela editorial de

Letras Errantes, Lda.

Rua Oceano Atlântico, n.º 5

2560-510 Silveira

www.e-primatur.com

geral@e-primatur.com

1.ª edição, Janeiro de 2026

Esta é a primeira tiragem deste livro, impressa na
Papelmunde, em Janeiro de 2026
com o Depósito legal 558354/25
e o ISBN 978-989-9328-38-9

ÍNDICE

16 de Outubro de 1943	9
Oito Judeus	65
I. A corveta <i>Claymore</i>	65
II. O gueto e a Arca de Noé	76
III. Os agricultores do vulcão	88
<i>Posfácio</i>	103

16 DE OUTUBRO DE 1943*

Até há poucas semanas, todas as tardes de sexta-feira, quando se iluminava a primeira estrela, abriam-se de par em par as portas grandes da sinagoga, aquelas que dão para a Piazza del Tempio. Porquê as portas grandes em vez das portas pequenas, laterais, um pouco recônditas, como em todas as outras noites? Porquê, em vez dos franzinos candelabros de sete braços, o cintilar de todas aquelas luzes que incendiavam os dourados, o esplendor dos estuques — as armas de David, os nós de Salomão, as trombetas do Jubileu — os sumptuosos clarões do brocardo das cortinas suspensas diante da Arca Santa, da Arca da Aliança com o Senhor? Porque todas as sextas-feiras, ao iluminar-se a primeira estrela, celebrava-se o regresso do Sábado.

* A presente tradução segue o texto publicado pela editora La Nave di Teseo, Milão, 2021. As notas do autor vão assinalada por asterisco, manteve-se a transliteração do hebreu por ele dada; as notas da tradução seguem a numeração árabe.

Não a macilenta salmodia do cantor perdido na lonjura do altar; mas do alto do coro, na ovação retumbante do órgão, o coro dos meninos proclamava a glória num cântico de serenidade sagrada, o hino do antigo cabalista, *Lehà Dodì Lichrà Calà*: «Vem, ó amigo, vem ao encontro do Sábado» ... Era o convite místico para acolher o Sábado que chega, que chega como uma esposa.

Na noite daquele 15 de Outubro, porém, chegava ao antigo gueto de Roma uma mulher vestida de negro, desgrenhada, desleixada, encharcada pela chuva. Não lograva falar, a agitação embargava-lhe as palavras, espumava de raiva. Vinha a correr de Trastevere. Havia pouco tempo, em casa de uma senhora na qual trabalha como doméstica, viu a mulher de um polícia e que esta lhe disse que o marido, o polícia, vira um alemão, e que este alemão tinha na mão uma lista de 200 chefes de família judeus, para serem levados juntamente com as suas famílias.

Os judeus do bairro de Regola conservaram o hábito de se deitarem cedo. Pouco depois do cair da noite, já todos estão em casa. Talvez lhes tenha ficado no sangue a memória de um antigo recolher obrigatório; de quando, ao cair das trevas, os portões do gueto rangiam com uma inveterada monotonia que talvez o hábito tivesse tornado familiar e doce,

recordando que a noite não era para os judeus; que, para eles, a noite era o perigo de serem apanhados, multados, encarcerados, espancados. Assim, estes judeus, acusados de urdirem na sombra conjuras contra a ordem e a segurança do mundo, são há muito tempo, pelo contrário, criaturas diurnas. Ao romper da manhã, mal um vislumbre do dia, lúgubre e cinzento, como as suas casas, começa a fazer de alavanca sobre o beirado, como um abre-latas, para incidir por uma fresta nas vielas lá em baixo, encontra-os já todos na rua, estes judeus, aos gritos, chamando-se em voz alta pelos nomes, e combinam e litigam e discutem, e encetam negociações e negócios e dão-se ares de muito atarefados, conquanto aquele palavreado e aqueles negócios nada tenham de urgente. Mas estes judeus amam a vida, sentem a necessidade de que irrompa neles aquela vida de que a noite os excluiu.

Também naquela noite, as famílias já estavam todas recolhidas em casa. Algumas mães alumiam a lâmpada sabática — não a bonita, que foi escondida quando das primeiras rapinas dos alemães — enquanto os velhos, com a *teffilâ** sobre os joelhos recitavam as bênçãos, e passavam do murmúrio da oração às invectivas iracundas e roucas contra os netos pequenos

* Formulário de orações.

traquinas. Assim, a mulher desgrenhada não teve dificuldades para reunir um grande número de judeus a fim de os advertir do perigo.

Mas ninguém lhe deu crédito, todos se riram dela. Ainda que more em Trastevere, a Celeste tem parentes no gueto, e é bem conhecida em toda a *cheila*^{*}. Toda a gente sabe que é uma grande tagarela, uma exaltada, uma desvairada: basta ver como gesticula quando fala, de olhos possessos, sob os cabelos de uma peruca. E depois sabe-se que na sua família são todos um pouco atoleimados, quem não conhece o seu filho mais velho, de 24 anos, magro, hirsuto, negro, estrábico, com um ar de *haham*^{**} falhado, e de quem até se disse que tinha epilepsia? Como se haveria de dar ouvidos a esta Celeste?

— Acreditem em mim, fujam, digo-vos! — suplicava a mulher. — Juro-vos que é verdade! Pela cabeça dos meus filhos!

A verdade? Quem sabe o que lhe terão dito, quem sabe o que terá ela compreendido. Aquelas risadas, aquela incredulidade exasperaram-na. Começa a ficar transtornada e a proferir palavras agressivas, como se fosse ela, e não os alemães, a fazer as ameaças, e então

^{*} Comunidade.

^{**} Douto, sábio e por extensão rabino.

fica ofendida por não ser levada a sério. Se soubesse o que inventar, reforçaria a dose como rebendita, para conseguir por fim infundir medo. Grita, esconjura, faz as lágrimas virem-lhe aos olhos, põe as mãos sobre a cabeça das crianças, como que para as proteger.

— Ide-vos arrepender! Se eu fosse uma senhora, acreditaríeis em mim, mas como não tenho um tostão, como ando com estes farrapos... — e, com a raiva de os mostrar, rasga-os ainda mais.

Passaram agora 13 meses e muitas das testemunhas daquela noite estão dispostas a reconhecer que talvez, se fosse a Celeste uma senhora, e não a pobre coitada que é... Mas, nessa noite, tornaram a subir para as suas casas e sentaram-se à volta da mesa a jantar, comendo aquela história sem sumo. Era claro o que havia passado pela cabeça daquela louca: 20 dias antes, o major Kappler ameaçara o presidente da Comunidade, o comendador Foà, e o presidente da União, o doutor Almansi, de prender 200 judeus como reféns. Os números batiam certo e daí o equívoco: esta pobre gente sabe sempre as coisas tarde e a más horas e sem rigor, mas crê sempre que é ouro coado o pouco que chega a saber. A ameaça dos 200 reféns já fora esconjurada. Os alemães serão *rascianim*^{*}, mas são gente honrada.

^{*} Maus.

Ao contrário do que é voz corrente, os judeus não são desconfiados. Ou melhor: são desconfiados da mesma maneira como são astutos, nas coisas pequenas, mas são crédulos e desastradamente ingênuos nas grandes. Com os alemães foram e mostraram-se ingênuos quase com ostentação. São variados os motivos que se pode alegar para tal. Persuadidos por experiências seculares de que é seu destino serem tratados como cães, os judeus têm uma necessidade desesperada de simpatia humana: e para a obterem, oferecem-na. Fiarem-se nas pessoas, entregarem-se a elas, acreditarem nas suas promessas é precisamente uma prova de simpatia. Também procederam assim com os alemães? Também, infelizmente. Pois com os alemães entrou em jogo a clássica atitude dos judeus face à Autoridade. Mesmo antes da primeira queda de Jerusalém, a Autoridade exerceu sobre os judeus um poder absoluto de vida ou de morte, um poder arbitrário, imperscrutável.

Isto fez que nas suas cabeças, e mesmo no seu inconsciente, a Autoridade se perfilasse como um númen todo-poderoso, exclusivo e ciumento. Desconfiar dela quando ela faz uma promessa, para o bem e para o mal, é cometer um pecado, que mais cedo ou mais tarde se há-de pagar, ainda que esse pecado não se concretize e se fique apenas por uma intenção

ou uma murmuração. E por fim: a justiça é a ideia mãe do judaísmo. Levar esta ideia para a civilização do Ocidente foi a missão dos judeus. Renan¹ fez dela o verdadeiro tema fundamental para interpretar toda a história de Israel até aos grandes anúncios escatológicos, até à expectativa messiânica, até àquela promessa do Dia do Senhor, que amanhã, ou sabe-se lá quando, iluminará a sua aurora no vértice dos milénios para, precisamente, restabelecer o reino da justiça sobre esta Terra.

Por todos estes motivos, os judeus de Roma fiaram-se de algum modo nos alemães, mesmo — *sobretudo*, diremos — depois do que sucedeu a 26 de Setembro. Sentiam-se como que vacinados contra novas perseguições. Teria sido uma injustiça, e, por temperamento, não podiam acreditar em tal coisa. Mostrar medo teria sido hostilizar os alemães, manifestar-lhes antipatia. E, por último, teria sido um pecado contra a Autoridade. Por isso, naquela noite, os judeus riram-se da mensagem daquela louca da Celeste.

¹ Debenedetti refere-se à *Histoire du Peuple d'Israël* (1887); depois de entronizar a história da Grécia, decretando-a inultrapassável porque completa nos princípios, Renan acrescenta que, ainda assim, padecia de uma lacuna considerável relativamente a Israel: «desprezou os humildes, e não sentiu a necessidade de um Deus justo.», *Préface*, p. III.